

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha da Tarde

Class.: Kaingang

Data: 29.07.70

Pg.: 1, 21 6000

O que é o casamento para o índio?

FOLHA da TARDE
29-7-1970
(1)

O casamento de índios pelas leis da Igreja tem sido assunto de estudiosos. Os kaingangues, grupo maior da Guarita, sabem um pouco da religião e ainda têm restos da crença primitiva. Sua cultura, sua história, seus segredos estão nas páginas 20 e 21.



Povos Indígenas no Brasil

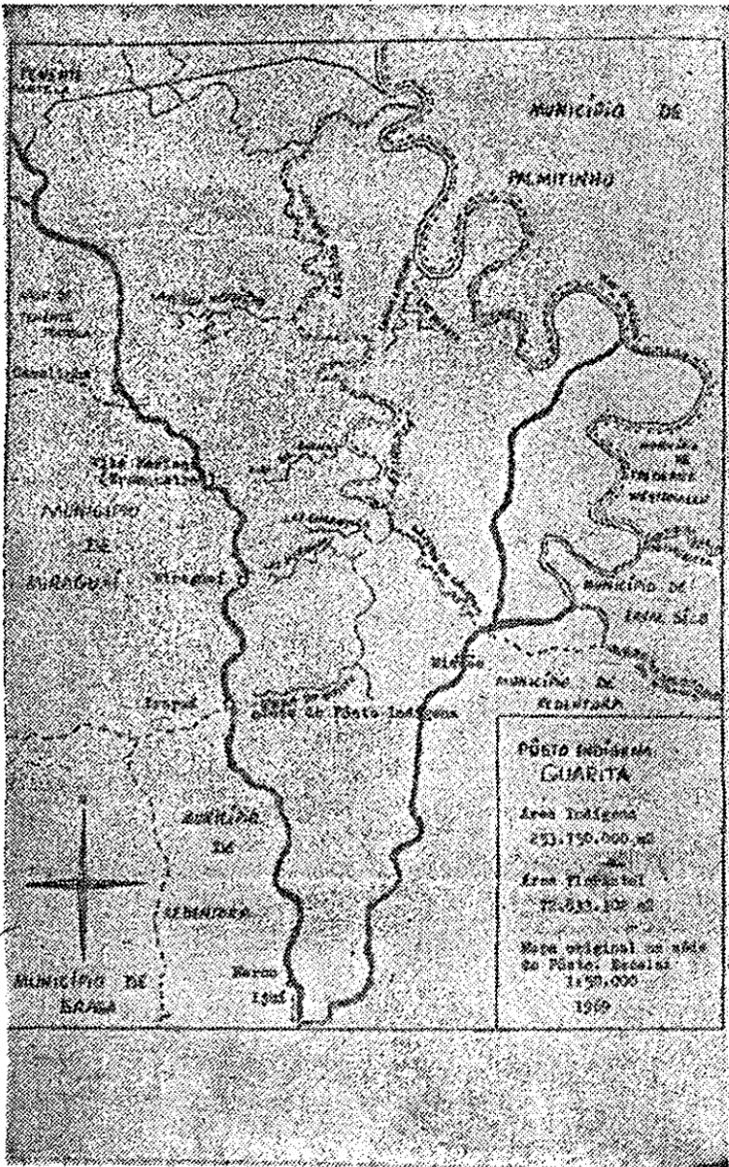
Fonte: Folha da Tarde

Class.: Kaingang 600

Data: 29.07.70

Pg.: 20 Al Guarita

Então o Fongue Velho disse: "Não! Quero terra prá criá"



Mapa da Reserva Indígena da Guarita, em Tenente Portela

O choque da civilização com a cultura do índio trouxe este resultado, dia 30 de junho, quando começaram as férias para os 36 alunos da Escola Experimental de Professores Índios, da Guarita. O tenente Hermínio Oscar dos Santos, chefe do Posto, foi na missão e chamou as oito mães que estavam indo embora. Umam iam para os postos de Santa Catarina e Paraná, onde vivem seus pais:

— O comportamento de vocês não tem sido bom. No fim das férias não precisam voltar.

Houve muita choradeira. Motivo do afastamento das mães da escola?

Nos primeiros seis meses de funcionamento, os índios continuaram na vida sexual a que estavam acostumados. A noite, os rapazes entravam no internato das mães e dormiam com elas. O chefe do Posto não gostou e colocou cadeados, que os índios romperam: A solução do tenente foi afastar as mães.

BIGAMIA

Tradicionalmente, os índios admitem a bigamia "sororal". Tendo sido tribos guerreiras no passado, herdaram a exigência para o aumento da população. Neste caso, o marido podia ter duas ou três mulheres, desde que irmãs entre si.

Entre os mais velhos há apenas um cônjuge, mas os jovens trocam seguidamente de mulher. As vezes, mais de uma por ano. Daí, o ciúme das esposas, as brigas entre os maridos e o número superior de mulheres. As índias solteiras buscam homens casados para formar família.

"Gostando casam logo" — é uma frase comum entre os funcionários da FUNAI.

Santo Claudino, um índio velho, conta: "Os antigos logo quando casam vão metá no mato e matam as caça e assam mal e mal comem, né. Naquêles tempos eles não trabalhavam na lavoura, não crivavam porco, não criavam abelha, se metiam no mato prá caça e levá a mutê junto e vão búscá mel pro sogro e mataá o bicho lá, um veado. Isso era compromisso serio."

O trabalho dos pesquisadores impressionou os homens da FUNAI. O sr. Zamir Pessoa Almeida, que preside o Inquérito no Posto da Guarita, lembrou que o Governo respeita até mesmo a antropofagia, que seria ainda praticada pelos Gaviões e Atroaris do Maranhão.

Ainda Santo Claudino: "Naquele tempo eles não namora uma mãe, ansim. Eles casam ansim à força. Os pais combina. Quando eles têm os filho mção, eles não vão namora, que eles fazem o casamento à força. Antes, davam os conselhos e pronto, tavam casado. Os cacique e os mais velhos dava os conselhos. Agora casa pelo gosto".

Índios velhos da Guarita ainda são casados neste sistema. Depois do casamento eles passaram a viver longe da casa dos pais, "me-lando no mato". A mulher, neste caso, é submissa ao marido, "pertencendo-lhe". Dá a luz onde se acha, sabendo arranjar-se sózinha. En-

rola o cordão umbelical, enchendo-o de carvão. O pai dá o nome.

DOENÇAS

Sarna, verminose e bicho-de-pé são os males mais comuns dos índios. Gostam de tomar injeções ou medicamentos que impressionem. Pouco imunes à gripe, recebem-na com violência. Não se acostumam com instalações sanitárias. Usam o chão, perto das choupanas. Sarampo, pneumonia, desidratação e diarreia são doenças que matam também.

LINGUA

Dos 1300 (?) índios da Guarita, 80 são guaranis e o resto kaingangue (Kaingang). Os kaingangues pertencem ao grupo lingüístico Gê Com a língua Xocrên (falado no posto de Caxias, Santa Catarina), que alguns consideram subgrupo daquele, vê-se a variedade de dialetos.

Oficialmente, há três: o de São Paulo, falado em dois postos daquele Estado; o do Paraná, falado na maior parte dos postos naquele Estado; e o do Sul, falado em Manguerinha, até Nonoai.

Os alunos da Escola Experimental estudam primeiro kaingangue, na cartilha "To Ke Jê", elaborada pelos membros do "Summer Institute of Linguistics". As pesquisas foram feitas nos três Estados do Sul, através de convênio do Museu Nacional com aquele Instituto. Baseia-se no cotidiano de índios aculturados, que caminham para a civilização. Os textos da cartilha induzem o índio à prática de uma vida melhor.

HISTÓRIA

Os 253,75 quilômetros quadrados da Guarita os índios contam que receberam por terem auxiliado as forças imperiais na Guerra do Paraguai.

Paulo Gaudino, em linguajar caboclo, fez esta narrativa: "Naquele tempo, o chefe era o Gerardino e o Fongue. O Fongue foi guerreiro no Mato Grosso. O Fongue caçava nas matas virgens daqui, entre o rio Guarita e o Turvo, de Tenente Portela até Porteira Paraguaiá, ali onde é Redentora. Depois o estrangeiro foi entrando, adulando o índio. Depois de lutá dia e noite o Fongue Velho disse: "Não, eu quero terra, pra criaá! Ai ganharam isso aqui".

O título foi entregue em 1928, por Flôres da Cunha. O filho do Fongue Velho queria ir até o Rio de Janeiro, mas o governador garantiu tudo. Os índios voltaram à Reserva.

Nestes anos, cada vez menos dessas árvores restam na Guarita, devido à devastação sistemática da área: canela, angico, grápiá, cedro, grabeúva, canjarana, corticeira, louro, pinheiro goimbé, maria-preta, guatambu (para parqué), açoita-cavalo, pessegueiro bravo (ruim para o gado), mamoeiro, erva-mate, pitangueira, guabroveira, cerejeira, guabiju e diversos tipos de taquara para fabrico de cestos e chapéus.



Kurá kara ki Níga fitog akosinti
kupég tí. Kyn kavéje tūpē ní siri,
gírí-sí-ti. Jūnkri ti ní. Kyn sínví
ní siri. Kyn kaga tū ní gè siri,
akupen ky.

Todos os dias Níga dá banho no filho. Então ele não está sujo. Ele está limpo. Então é bonito. Também não está doente porque está lavado.



Casas construídas para os índios pela FUNAI

Qual é a religião do índio? Uma pergunta muito difícil

Não tivemos tempo para fotografá-los de manhã, quando vão ao riacho lavar o rosto e "escovar os dentes com água e carvão do fogo apagado durante a noite". Mas os estudiosos paulistas, jesuítas Darci Lufs Pivetta e Cláudio Werner Pires, viveram oito meses entre guaranis e caingangues, na Guarita.

Uso a experiência deles para contar alguma coisa da vida atual dos 1.300 homens, mulheres e crianças semicivilizados e semi-selvagens. (Os caingangues são mais parecidos com os caboclos pobres do interior do que com os índios de nossa memória escolar. Os guaranis ultrapassam em muito o mais pobre caboclo e se aproximam bastante de seu estágio normal de civilização, isto é, primitivo).

No relatório que fizeram, aqueles pesquisadores contam coisas interessantes.

RELIGIÃO

Os caingangues não têm mais o culto primitivo aos mortos. Sentem a morte, a perda de um da família. No velório comem muito feijão. No passado, quando aventureiros vendiam cachaça e ganhavam dinheiro com eles, a aguardente era obrigatória na vigília.

O caixão foi em geral adotado, mas lavradores que cultivam as terras da reserva da Guarita comentaram em Tenente Portela que ainda se fazem enterros com o cadáver enrolado numa mortalha comum — muitas vezes um simples lençol daço por brancos, cujo uso se torna variado.

Gostam de muitas velas. Acreditam que ajudam a espantar os maus espíritos. O choro é rítmico. Alguns acham que é influência de seitas recentes, mas a maioria o incluem na cultura religiosa indígena.

O pai chora "hu-hu-hu" e a mãe responde "hi-hi-hi" (...). Após a morte de um adulto, se este possuía animais, matam-nos e comem-nos, "porque faz lembrar que o espírito do morto pasará aos que ficam".

Antigamente, o conselheiro mais velho falava ao povo durante o enterro. Hoje, esta cerimônia é menor. Contudo, a morte de um índio benquisto por todos é muito sentida. O cacique, às vezes, faz uma pequena exortação, animando os presentes com promessas cristãs (de católicos, evangélicos, crentes, testemunhas de Jeová, e outras com menos adeptos, que procuram "salvar a alma dos índios"). Há por parte de alguns desses grupos religiosos trabalhos sociais de realce, como veremos nesta reportagem. Durante as palavras do cacique, as cabeças dos ouvintes permanecem inclinadas e as mãos entrelaçadas na nuca, murmurando em coro.



Alguns índios informaram que costumam cantar no velório. Sabem uma ladainha em português, dedicada a São Pedro e São Paulo. Antes da catequese, acreditavam que depois da morte nada mais restava: "Morreu, acabou tudo".

Isto resta do antigo culto dos mortos, que as crianças conhecem quando entram na parte da História do Brasil que trata do Indígena, como raça, grupo social e cultura. O sol e a lua não são mais deuses mitológicos, em todo Sul do Brasil, onde, segundo a FUNAI, vivem 8.600 caingangues, 900 guaranis, 6 xetás e alguns botocudos.

O estágio atual do índio, no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande, é crítico em todo o sentido. Nos últimos 50 anos, uma debilitação cultural e sociológica deixou a herança de uma raça que duvida de todos os valores: os do passado foram afastados sob a égide do paganismo. Os novos não penetraram na vida do índio. Assim, os índios sabem que existe "Deus, São José, Santo Antônio, São Bom Jesus, São Roque, São João Batista, São Pedro e São Paulo e Nossa Senhora".

No passado, comemoravam estes dias com muita comida, bebida de milho e danças do feiticeiro.

A conclusão dos dois estudiosos paulistas é que os índios vão esquecer o culto e o próprio nome dos santos pela falta de assistência da Igreja. Prova disso, afirmam, é que só os velhos o conservam.

Em Irapuá, povoado perto da Guarita, os crentes mantêm um culto (Assembleia de Deus). É a religião que consegue mais conversões. O Cacique dos caingangues, Sebastião Alfaiate, leva sua família ao culto onde sua voz grossa é ouvida na oração: "Graças a Deus! Aleluia! Glória a Jesus. Amém". Numa das reuniões, o cacique chegou a ler o primeiro capítulo de São João, comentando-o bastante bem. Há índios que fazem o acompanhamento musical, nas reuniões tri-semanais.

O positivo dessa religião? "Guardei as palavras santas e passou toda a minha dor. Deixei de tomar cachaça, deixei de tudo. Quem bebe fica pesado e briga com a mulher". Quem disse isso foi um índio. O positivo é que os índios dessa religião são proibidos de beber e fumar e as mulheres não podem cortar os cabelos".

Um padre vem de 15 em 15 dias de Redentora. Guido Londero reza missa e depois uma professora ensina o catecismo às crianças.

Conclusão dos estudiosos jesuítas de São Paulo: "Falta evangelização. O índio está entre duas culturas, sem saber qual é a sua se pertence ao primitivo culto do sol ou da lua, ou se "amará a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo".